



## DE RELANCE ...

### Cap. Salm de Miranda

A guerra estava já a chegar e os técnicos militares europeus inda estavam a discutir sôbre como seria ela no campo de batalha.

O surto incrível que a guerra de 1914-1918 dera à imaginação humana e à indústria bélica, dava asas à fantasia e fazia prever cousas do domínio do sobrenatural.

Sabia-se de como a aviação encerrava a mais robusta das esperanças em ambos os partidos já alinhados por fôrça das ideologias em que os líderes se dividiam. Ninguém ignorava de como a Inglaterra preparava pilotos e aprimorava os seus tipos leves e pesados para o desejado domínio do ar. Não era segredo a frota aérea que a Itália preparava de longa data, conquistando vitórias surpreendentes nas travessias transoceânicas das esquadilhas, frota que logo de início ficou em inferioridade técnica, suplantada pelos tipos mais modernos, e particularmente mais velozes, obtidos. E bastava lêr as revistas e os jornais para ter-se a impressão do vulto inacreditável que tomava a aviação alemã, em reservas humanas e em estocagem de material; mais de um viajante contou, em rodas incrédulas, que na Alemanha os aviões estavam sendo guardados nos angares, pendurados pela cauda, como presuntos, para atender aos problemas de sigilo e de espaço...

E um dos temas prediletos era se a supremacia do ar daria, por si só, a vitória.

O general de Gaulle propunha ao govêrno francês a cons-



trução e o preparo imediato de divisões motorizadas pesadas, preocupado pela forma violenta do embate que se iria em breve ferir; o governo francês, empolgado pelas fantazias utópicas de pontos de vistas pessoais e partidários, descurava do preparo militar da nação, deixava por terminar as obras permanentes de defesa, recusava a proposta de De Gaulle, deixava-se ficar para trás relativamente à aviação e fazia política interna. E é de crêr que a aparente indiferença, com que a mocidade francesa assistia a aproximação da tormenta, fosse antes o temor de encará-la, de uma geração cujos albos foram torturados pelo fluxo e pelo refluxo dos combates, pela atmosfera intoxicada, pelo troar incessante do bombardeio dentro do solo da pátria.

Quasi a ultima hora, surgiu aquele célebre livro do general alemão Von Bernhardt, que se insurgia contra a doutrina generalizada, demonstrando que só mesmo a ocupação do terreno poderia assegurar a vitória; e que urgia cogitar com a máxima intensidade da dotação material do exército terrestre, sem o que êle não estaria em condições de cumprir sua missão.

A Alemanha entrou intensamente no preparo dos seus parques gigantes de carros de combate e, como fosse excedida a sua capacidade industrial, obteve que grande parte dêles fosse construída nas usinas russas, sob o contróle dos seus técnicos, firmando-se destarte para a guerra em terra em nível igual ao que já atingira para a guerra aérea.

Embora as tonelagens globais menores do que as de 1914, todos se preocupavam fortemente pelo domínio do mar e as esquadras cresciam a olhos vistos. Observava-se, porém, hesitação na orientação a dar à constituição das esquadras, se aceitando como característica máxima a velocidade, se construindo tipos mais pesados e mais potentes, todos, em princípio, procurando a fórmula que conciliasse integralmente as duas vantagens, nos tipos híbridos surgidos em tôrno do limite 10.000 toneladas. A Inglaterra, sem abandonar os tipos pesadíssimos, só por ela obtidos, teve, entretanto, com o "Exeter" (de 8.000 tns.) e a série "Orion", "Neptuene", "Ajax" e "Achilles" (de 7.000 tns.) as suas



mais felizes tentativas; quanto a submarinos, ela se manteve com suas tradicionais restrições, só construindo 25 novos até Dezembro de 1939, além dos submarinos mineiros de pequeno porte; não perdeu oportunidade de tentar obter a supressão desta daninha arma ao seu comércio marítimo. A França permaneceu no êrro de adotar o chamado "cruzador do tratado" (10.000 tns.), pela conveniência de preço; à última hora se resolvia a lançar um tipo novo, replica ao "encouraçado de bolso" alemão, que tanto a preocupava; contudo não obtem novos estudos que se possam considerar "felizes". No que refere a submarinos, a experiência do Sarcouf fê-la baixar as tonelagens individuais. Suas grandes atenções eram para o "encouraçado de bolso" alemão e para os tipos especializados para a política do Mediterrâneo, no que a Italia muito se empenhava. A Italia, depois de fazer também suas experiências, especializou definitivamente seus novos tipos no sentido da velocidade, obtendo notaveis récorde: no tipo condutores de flotilha o "Alberico di Barbiani" atingiu 42',1, o que para unidades do seu porte é o récorde mundial e só alcançada até então pelas chamadas lanchas ante-submarinas; a mesma preocupação adotou relativamente aos contra-torpedeiros, sendo que o "Alviso Cadamosto" realizou 44',1 de velocidade, marcando outro récorde mundial; e em outros tipos menores (de 620 tns.) atingiu velocidade de 45". Isto é a mostra concreta de quanto ela considerava o problema do "Mare Nostrum", onde além do mais necessitava ser ligeira. . . Quanto a submarinos, os seus eram considerados dentre os melhores; dos últimos 22 que lançou, alguns eram da tonelagem do nosso "Humaitá", mas a grande maioria era constituída de tipos menores, talvez aproximados dos nossos três T, em conformidade com a política geralmente adotada em relação a submarinos. Em regra ela queria ter unidades numerosas, embora pequenas, mas com grande rapidez. A esquadra alemã, afundada nas imediações de Scapa Flow pelo tratado de Versalhes, procurava tipos de compensação, não só relativamente à dianteira que, no tempo, as demais lhe levavam, como relativamente ao valor individual concentrado com que visava enfrentar efe-



tivos numerosos. Em 1931 lançava o "Deutschland", "encouraçado-cruzador", o primeiro dos famosos "encouraçados de bolso"; logo depois a sua série K de três unidades com excelentes qualidades e depois o "Leipzig", completando a série do primeiro tipo com os dois Graf; em cada tipo, novos aperfeiçoamentos, sendo considerados os seus como os melhores estudos de conciliação de velocidade, potencia e eficiencia do armamento. Em todos os navios construidos na Alemanha desde 1918 nota-se a preocupação para obtenção de bons corsários: navios queimando óleo e carvão, com grandes raios de ação, grande independência relativamente a bases e transportando grande peso de minas.

Irrompe a guerra. Clausewitz é ultrapassado: já não é o domínio do imprevisto, estamos no domínio das surpresas espetaculares...

Diante da realidade, desmoronam-se os castelos de imaginação; diante da fôrça, os fracos se esboroam um por um.

A arma aérea e a arma terrestre articulam-se encantadoramente: os objetivos são coroados um por um; mas... só a ocupação do território dá mesmo a vitória; a arma aérea desmoraliza, destrói, se surpreende; mas depois o campo de batalha se repovôa... Então os contingentes de ocupação vêm também de avião, para tentar a exploração do êxito...

As esquadras evitam-se, em escaramuças, volta-se ao corso, atacando de preferência os navios mercantes, para ferir a economia adversa, afetando seu "front" interior.

E a Alemanha chega à Mancha.

Mas, podemos dizê-lo, chega à Mancha sem novidades... Não houve subversão dos velhos princípios da guerra; pelo contrário, houve a sua aplicação integral, a sua confirmação perfeita. Nem mesmo os planos foram novos. O vencedor da França teve que ir buscar nas estantes poeirentas dos arquivos do seu Estado Maior o velho Schilieffen, estudá-lo mais uma vez, atualizá-lo e aplicá-lo mais cautelosamente... Aquele mesmo Schilieffen que na guerra passada fôra apontado como o responsável pela derrota, só porque o não souberam interpretar e empregar. Portanto, os mesmos princípios daquele velho plano, foram os vencedores de hoje.



A surpresa foi obtida e com o mesmo efeito estonteante que lhe atribuem todos os regulamentos de todos os exércitos de tôdas as épocas; surpresa técnica, surpresa tática, surpresa material; não por um espírito novo e imprevisto, mas pelo vulto qualitativo e quantitativo da época industrial que atingimos. Mas inda podemos aqui asseverar que tudo quanto surgiu foram aperfeiçoamentos dos velhos meios, porque meios pròpriamente novos e desconhecidos não foram notados no conjunto. A artilharia aumentou a rapidez de tiro, o alcance, a rapidez de deslocamentos, aprimorou-se como arma anti-aérea e anti-carro, recebeu inovações, particularmente no que refere a munições; e... foi multiplicada por dez, por cem talvez!

A infantaria continuou a ser a infantaria. Com mais fogo, com melhor fogo mesmo, com a mobilidade completamente modificada; já não se contenta em progredir no terreno, quasi não progride mais no terreno, move-se nas três dimensões, vai pelo ar, como "destacamentos transportados", portadores de motos e de uma densidade de fogo elevada ao máximo; salta, às veses, em paraquedas, ou vem em caminhões qualquer-terreno. Mas... é ainda a velha infantaria, logo que as circunstâncias o permitam, onde ela chegar.

A cavalaria vem sôbre os blindados, rápidos, penetrantes, incisivos, acompanhados pelos esquadrões monstros de pesados "couraceiros"... Mas ainda têm a rapidez, a mobilidade característica e mais fogo que a cavalaria de outrora; evoluiu, porque tôdas as outras armas também evoluíram. O próprio Gen. Weigand, ao assumir o comando, dizia: "as suas incursões são em tudo análogas aos raides da cavalaria de outrora..."

A engenharia, esta é a arma que tomou vulto mais notável no conjunto das fôrças de terra, antes, durante e depois do ato culminante da batalha. O tempo aqui não m'o permite demonstrá-lo, mas quem quer que tenha lido as crônicas e os telegramas das campanhas desta guerra, pasma de vêr o que pode modernamente a engenharia, seja secundando a seu modo a ação das demais armas, seja isolada, como arma, detendo inimigos que fôrças terrestres não enfrentariam, talvez.



Em tudo, o que assombra, o que faz pasmar é o vulto a grandiosidade de que tudo se reveste. Os efetivos, os meios, o consumo previstos e a margem de segurança necessária, isso sim, é que é inteiramente novo e atinge os limites da novela, do romance de Wells ou de Julio Verne.

Mas... A Alemanha chega à Mancha. E diante dela apenas se apruma do lado democrático a comunidade das nações britânicas. Por trás, o mundo observa atento o desenrolar da luta, dividido e interessado.

Impossíveis os choques terrestres, anuviam-se os ares. Tenta-se a conjugação da arma aérea com as esquadras, buscam-se novos meios para o novo fim. Mas a Mancha permanece interposta e a Mancha é a incógnita do problema do momento.

Diante dela, progressivamente os contendores se esgotam. As nações se fatigam, as cidades são destruídas, as riquezas se evolvem, absorvidas pelos gastos nunca orçados de dias sem fim que se repetem. Os líderes exacerbam os ódios, esbravejando impropérios, de punhos cerrados de um lado e do outro do canal.

A Alemanha continua com a iniciativa das operações. E compreende que não pode perdê-la, que urge mantê-la por qualquer forma, para que se não arrefeça o ardor combativo do exército de sete milhões que mantém mobilizado; além disso ela sabe que todos os fragmentos territoriais da sua grandeza presente inda estão sob a ação centrífuga das etnias que neles secularmente se elaboraram e que só militarmente se acomodam, ávidos pelo seu equilíbrio antigo.

A Inglaterra é a "Comunidade das nações britânicas" de um mundo..., organizado sob um sistema econômico habilíssimo, onde cabem sàbiamente as pendências raciais e religiosas, políticas ou econômicas, onde o espírito de cooperação gerou uma espontânea vontade de esforço em comum produzindo o milagre de uma grande nação, com gentes de várias raças, falando várias linguas, espalhada pelos cinco continentes; e... com um potencial que lhe permite preparar-se militarmente para a guerra, quando já em pleno estado



e guerra integral, enfrentando o bombardeio contínuo de  
na guerra à alemã.

Mas... ficáramos na Mancha, tôda a margem conti-  
ental do canal em poder da Alemanha, na sua marcha con-  
quistadora. Diante da Mancha a guerra ameaça estabilizar-se.  
erigo ! Quando na Grande-Guerra passada a frente de ba-  
lha se estabilizou, a 15 de Novembro de 1914, dos Vosges  
o mar, estava caracterizado o fracasso do plano alemão, o  
ue, embora os quatro anos seguidos de incessante martelar,  
e trouxe a derrota. E' preciso que não se permita agora  
ma estabilização que poderá ser uma ameaça. E como para  
encer é necessário atingir o poderio britânico, a Alemanha  
rocura caminhos que conduzam a êle: e busca num esforço  
igantesco fixar a metrópole com sua aviação e a ameaça  
ermanente da invasão, ao mesmo tempo que tenta realizar  
desbordamento numa tentativa político-militar de mudar  
guerra para outro teatro de operações. Empreendimento  
ifícil e de delicada realização, em que o eixo se desdobra  
m iniciativas múltiplas, para levar a bom termo :

- alizando o pêlo hirsuto da Rússia, que o olha  
entre desconfiada e apreensiva, com promessas dadi-  
vosas de concessões no sentido de conciliar tôdas as  
suas pretensões, do Báltico à China;
- seduzindo com promessas e tratados os países me-  
diterrâneos que ainda não pode pela fôrça arran-  
car da neutralidade;
- congregando tôdas as fôrças para dismantelar a es-  
fera de ação inglêsa nos Balcans;
- e procurando realizar o grande movimento envol-  
vente do império colonial britânico, através Suez,  
forçando a porta do Egito.

Enquanto as nações em luta suportam os efeitos de to-  
ladas diárias de matérias explosivas e incendiárias (o re-  
proco respeito impede a cada um o uso de agressivos quí-  
micos individuais), os partidos procuram estender ao mundo  
estado de guerra, na busca de alianças tácitas ou ativas.  
Alemanha e a Itália prometem cousas materiais, mostram



o mundo revolvido pela ponta de sua malícia e pelas granadas dos seus aviões e acenam: — vamos dividi-lo entre nós, venham, tragam-nos o auxílio do seu sacrifício ao carro da nossa vitória! . . .

A Inglaterra, e por trás dela a sombra imensa e paternal de Tio Sam, agora mais do que nunca se revela conservadora por excelência, na obstinação com que sofre apegada aos seus velhos princípios; mas agora surpreende com sua feição sentimental, apontando para a paz, a liberdade à antiga, a restauração de um passado que positivamente nem a sua vitória poderia restaurar, e chama também os seus pro-sélitos.

Mas o mundo está muito materializado e cada um, olhando para seu próprio interesse, só se move diante de solicitações muito claras e depois que o fim se esboça. Antes disso, prefere deixar correr a vida . . .

Assim, os dois inimigos debruçados sobre o canal da Mancha, um odiando-o em estrondosos improperios, outro bendizendo-o numa prece suprema, vai a guerra corroendo as energias combatentes, sem proveito real para a terminação no que refere a previsões razoáveis.

E nós, espectadores, que pensávamos de início numa solução militar para o conflito, já nos desiludimos dela; também a solução econômica, que depois previmos, se vai já dissipando, porque as áreas de produção se alastram e não haverá mais bloqueio capaz de isolar a produção num dos campos contendores. Talvez tenhamos de assistir, nós ou os nossos filhos, esta guerra terminar sem vitória, pelo esgotamento, pela inanição de ambos os lutadores, o mundo entrando numa fase sombria de recomposição e de descrença, os ódios se fortalecendo e os meios se avolumando para a futura guerra, a que esta prometera evitar aos nossos netos.